

UNIVERSIDADE FUMEC

Presidente da Fundação Mineira de Educação e Cultura

Prof. Air Rabelo

Reitor

Prof. Antônio Tomé Loures

Vice-reitora

Profa. Maria da Conceição Rocha

DIRETORIA DA FCH

Diretora Geral

Profa. Thaís Estevanato

Diretor de Ensino

Prof. João Batista de Mendonça Filho

Diretor Financeiro

Prof. Antônio Marcos Nohmi

Coordenação do Curso de Comunicação Social

Prof. Sérgio Arreguy

Coordenação do Setor de Publicações

Prof. Eduardo Martins de Lima

MEDIAÇÃO

Editor

Rodrigo Fonseca e Rodrigues

Capa

Profa. Dúnya Azevedo e alunos do 5º período do curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade FUMEC (primeiro semestre 2010)

Editoração eletrônica

Eduardo Costa de Queiroz – Saitec Editoração

Revisão

Maria de Ludes Queiroz (Túcha)

Comissão Executiva

Prof. Aurélio José da Silva

Professora Dúnya Azevedo

Prof. Luiz Henrique Barbosa

Professora Viviane Dias Loyola

Conselho editorial

Prof. Adriano Duarte Rodrigues (U. Nova de Lisboa)

Profa. Astréia Soares (U. FUMEC)

Prof. Bruno Sousa Leal (UFMG)

Prof. Eduardo Martins de Lima (U. FUMEC)

Profa. Graziela Valadares Gomes de Melo Vianna (Newton Paiva)

Prof. Luiz Ademir de Oliveira (UFSJ)

Prof. Moisés Adão Lemos Martins (U. do Minho)

Profa. Regina Motta (UFMG)

Prof. Sérgio Laia (U. FUMEC)

Profa. Thaís Machado Borges (U. de Estocolmo)

Rua Cobre, 200 • Bairro Cruzeiro • CEP 30310-190

Belo Horizonte • Minas Gerais • Tel.: (31)3228-3090

mediacao@fch.fumec.br

mediacao

Editorial

O tema que pauta o dossiê desta décima edição da revista *Mediação* não apresenta, à primeira vista, nenhuma insólita provocação no que tange ao seu conteúdo propriamente dito: “Mídia e crises contemporâneas”. Se consultarmos nosso passado, particularmente a modernidade, não seremos surpreendidos pela ausência de circunstâncias sociais isentas de acentos críticos. Em igual medida, as perspectivas futuras da sociedade e as promessas de um horizonte de projetos coletivos, tendo em mente nossa história recente, também nos parecem, nesse quesito, muito pouco alvissareiras.

Estudiosos e pensadores de muitos campos do saber se valem, com unanimidade, do termo “crise” para assinalar alguma questão pontual que nos envolve. Vilém Flusser, por exemplo, nos fala de uma crise contemporânea de valores, em vista do recuo da palavra diante dos modelos, superfícies, cores e imagens tecnologicamente desenhadas. Estamos, para o filósofo, nos atrofiando no domínio do pensamento, da escrita, e ainda não sabemos como pensar pautando-nos em modelos tecnoimagnéticos. Jean Baudrillard denuncia a crise das cenas nas quais negociavam as políticas da existência pública em face da intrusão e da publicidade das imagens antes confinadas à vida privada. Robert Kurz aponta para a crise do conceito de “conhecimento”, capciosamente confundido com o de “informação”. Paul Virilio anuncia uma crise tecnológica ligada à telemática e Stuart Hall traz à baila a crise do sujeito como projeto humanista e sociológico, hoje reduzido a cliente e consumidor.

As crises sob as quais o homem experiencia sua existência atual se tornam, com toda a naturalidade, agendadas e aceitas pelo profissional da notícia como passíveis de mercantilização, até mesmo de capitalização dos seus efeitos. É nesse ponto que a temática acordada entre os membros da comissão executiva da revista, Luiz Henrique Barbosa, Dúnya Azevedo, Viviane Loyola e Aurélio Silva, pretende ser uma instigante provocação para o exercício de pensamento ligado à imagem da realidade construída pela máquina da comunicação. O potencial vetor que esse escopo temático tenta incentivar talvez resida nos modos e estratégias de cobertura midiática de catástrofes, sejam naturais, sejam tecnológicas, sejam econômicas, sociais, éticas, de matiz trágico e miseravelmente

inarredável no mundo contemporâneo. Essa questão diz respeito aos modos de representação e discursivos na construção do acontecimento ligado aos fatos críticos cotidianos e à imagem do mundo atual, construída pelos modos onipresentes de produção de visibilidade, de enunciação e de construção do imaginário.

A pauta das discussões inicia-se com o texto de Elton Domingues Rivas, *Os bons e maus selvagens da imprensa*, por meio do qual o autor investiga as representações e o discurso sobre os povos indígenas brasileiros na imprensa escrita e os desdobramentos na construção de uma identidade desses povos perante a sociedade nacional. As representações se operacionalizam, defende Rivas, mediante intensa difusão de imagens clichês, generalizações e estereótipos que alargam a fenda entre o real e o idealizado. A mídia propala, desse modo, a questão indígena baseando-se em uma noção de um “índio genérico”, tratando as sociedades indígenas como se formassem um todo homogêneo e como se a generalização fosse a maneira correta de compreendê-las.

Lívia Borges Pádua, em *A relação entre o enquadramento da notícia e o processo de accountability: uma reflexão sobre um dos episódios do escândalo Renan Calheiros*, faz uma análise crítica das narrativas jornalísticas publicadas sobre um dos episódios do escândalo envolvendo o político Renan Calheiros, com base na denúncia publicada pela revista *Veja*. Nesse estudo, a autora discute a relação existente entre o enquadramento dado pela imprensa a um determinado fato e o processo de *accountability* desencadeado, demonstrando a limitação das discussões nas esferas deliberativas às questões publicizadas pela imprensa.

Sob o amparo epistemológico dos Estudos Culturais, no texto *Modos de endereçamento e processos de interação encarnados na cultura*, Priscila Martins Dionízio faz uma digressão teórica com base no quadro “Isso aqui é seu!”, exibido pelo programa *Fantástico* de janeiro a março de 2009. Por meio desse pretexto demonstrativo, a autora se vale do conceito de “modos de endereçamento” como estratégia de comunicabilidade – as escolhas para perfilar o tema, as propostas de engajamento e o desenvolvimento do estilo e das especificidades do quadro –, explicitando o diálogo firmado entre produções midiáticas e a vida social.

No texto *TV e o “Novo Jornalismo literário”*, Paulo Eduardo Silva Lins Cajazeira abraça a construção do enunciado no telejornal pelos sujeitos envolvidos na mediação: enunciador/narrador e enunciatário/público, apoiado na semiótica discursiva. Ele distingue e analisa os papéis assumidos pelo destinador e o destinatário na construção dos enunciados no telejornal para compreender a visibilidade dos cidadãos relatados em

textos de reportagens em TV, com as características do chamado “Novo Jornalismo” ou “Jornalismo Literário”. Ao aprofundar-se no perfil de pessoas e criar-lhes identificação com o público/destinatário, afirma o autor, o telejornalismo prioriza as peculiaridades dos personagens, suas singularidades, como forma de “humanizar” o texto ao retratar o fato jornalístico.

Ecoando na questão da personificação estratégica da perspectiva noticiosa, Maria Juliana Horta Soares e Antônio Augusto Moreira de Faria, em *A crise econômica na mídia: seleção de personagens em Le Monde Diplomatique (Fr), Le Monde Diplomatique Brasil e Caros Amigos*, entabulam, por um viés particular, uma análise contrastante entre os discursos dos veículos jornalísticos em pauta, tratando de saber como são construídos esses discursos e como cada jornal desenvolve uma temática da crise econômica mundial.

No texto *Por uma analítica das representações: há uma crise na representação midiática ou a história está só começando?*, Firmino Júnior parte da interessante constatação da existência ativa de uma blogosfera policial brasileira, defendendo, alicerçado nesse campo demonstrativo, que as representações midiáticas se reconfiguram cada vez que um novo meio de comunicação se transfigura em outro. Diante do atual cenário de mídias densamente conectadas, o autor questiona se há uma crise nas formas de representação midiática ou se, sob o paradigma da diversidade, a representação mediada pelos meios midiáticos e hipermediáticos é distinta.

Assentando sua pesquisa de mestrado nas áreas transversais da biopolítica e modos de controle e de subjetivação, Marcus Guilherme Pinto de Faria Valadares, egresso de nossa instituição, discute, no artigo *Participação nas redes sociotécnicas: potência e controle*, a visibilidade conquistada pelo homem ordinário com a Web 2.0, que abriga um espaço de colaboração e de produção, em sua suposta liberdade comunicativa. Tais possibilidades dessa laureada liberdade engendram, para o autor, uma descontinuidade no mundo contemporâneo no que tange à produção de subjetividade. O autor se pergunta: um “show do eu”, aliado a um espaço midiático potencialmente libertário, poderia estimular a propulsão da uma micropolítica criativa no interior dos dispositivos trabalhados?

Tarcísio Torres Silva, no artigo *Experiências políticas em redes sociais: colaboração e ação social num mundo desengajado*, trata do engajamento político ativista e da ideia de subjetividade, num tempo em que a sociedade se ressentida de um desengajamento e de um privilégio maior para questões ligadas ao individualismo. O autor enfoca sua observação sobre as movimentações políticas que estão acontecendo por meio de redes

sociais e de tecnologias de comunicação digital. Tais ações carregam forte peso subjetivo, por meio do qual se denota o esforço político de uma pequena parcela de usuários que atua ativamente e de uma “massa” que a auxilia no processo de disseminação de suas ideias.

Abraçando um tom mais conceitual, Rennan Lanna Martins Mafra apresenta o texto *Mobilização social e comunicação: por uma perspectiva relacional*, por meio qual ele busca, apoiado numa perspectiva relacional da comunicação, compreender os processos de mobilização social como fenômenos comunicacionais. Mafra vasculha instrumentais conceituais que podem alargar a compreensão da mobilização social como um processo comunicativo.

Se a palavra “crise” for concebida como sinônimo de tudo aquilo que provoca certo colapso no fluxo de um dado movimento, seja este de que ordem for, natural ou social, um momento crítico pode ser, em contrapartida, um motor de mudança, de problematização: afinal, se consultarmos nossa vida pessoal, constataremos facilmente que sempre é sob uma situação de crise que nos vemos impelidos a pensar, a agir, a mudar. Confiantes nessa premissa, convidamos o leitor a adentrar não apenas no conteúdo que orbita a temática desta edição, mas também a perpassar pelas ideias suscitadas pelos autores, uma vez que eles foram motivados a problematizar, pelas *imagens* críticas do pensamento, questões ligadas à comunicação especializada e circunstâncias prementes, dramáticas, concretas que afligem pessoas e sociedades em nosso complexo e, não raras vezes, espantoso presente histórico.

Boa leitura!

Rodrigo Fonseca
Editor